

EN

In *Danse Macabre*, Martin Zimmermann continues to pursue his interest in human figures who physically, socially and existentially find themselves on the margins of society and reveal so much about its “centre”. The exact location of those margins is defined from the centre, and “marginal” generally signifies that something is no longer needed, no longer really belongs and can break away from the rest anytime. Because social structures are increasingly dissolving, people live increasingly often in communities of their own choice based on similar attitudes to meet their social needs.

# DANSE MACABRE (DANÇA MACABRA)

MZ Atelier (Suíça)

Concepção, Encenação e Coreografia de Martin Zimmermann



43º FESTIVAL 04 — 18  
de almada Julho 2026

Organização Câmara Municipal de Almada  
Companhia de Teatro de Almada

<i>Dias e Horários</i>	<b>04 Julho — 22H00</b>
<i>Local</i>	<b>Palco Grande, Escola D. António da Costa, Almada</b>
<i>Língua</i>	<b>Espectáculo sem texto</b>
<i>Classificação Etária</i> M/12	<i>Duração</i> <b>1H30</b>

*Co-criação e Interpretação*  
**Tarek Halaby, Dimitri Jourde,  
Methinee Wongtrakoon  
e Martin Zimmermann**  
*Criação musical*  
**Colin Vallon**  
*Dramaturgia*  
**Sabine Geistlich**  
*Cenografia*  
**Simeon Meier  
e Martin Zimmermann**  
*Colaboração artística*  
**Romain Guion**  
*Concepção cenográfica  
e Coordenação técnica*  
**Ingo Groher**  
*Construção da cenografia*  
**maisondelaculture de Bourges  
(Nicolas Bénard, Lucas Bussy,  
Jules Chavigny, Jean-Christophe  
David, Luc Renard, João de  
Sousa, Eric Vincent) e Andy Hohl**  
*Criação do guarda-roupa*  
**Susanne Boner  
e Martin Zimmermann**  
*Criação da luz*  
**Sarah Büchel, Jan Olieslagers  
e Ueli Kappeler**  
*Criação de som*  
**Andy Neresheimer  
e Franck Bourgoin**  
*Motorização do cenário*  
**Thierry Kaltenrieder**  
*Confeção do guarda-roupa*  
**Susanne Boner**  
*Pintura do cenário*  
**Michèle Rebetz-Martin**

*Criação da direcção de cena*  
**Roger Studer e Mateu Pascual  
Labourdette**  
*Operação de luz*  
**Sarah Büchel e Jan Olieslagers**  
*Operação de som*  
**Andy Neresheimer  
e Frank Bourgoin**  
*Direcção de cena*  
**Roger Studer**  
*Fotografia*  
**Nelly Rodriguez e Basil Stücheli**  
*Design gráfico*  
**Marietta Eugster Studio**  
*Administração e Distribuição*  
**Alain Vuignier**  
*Produtora para o estrangeiro*  
**Claire Béjamin**  
*Comunicação*  
**Manuela Schlumpf**  
*Departamento técnico*  
**Ueli Kappeler**  
*Co-produção*  
**Fonds des programmeurs de  
Reso – Réseau Danse Suisse  
– soutenu par Pro Helvetia,  
Fondation suisse pour la culture,  
Kaserne Basel, Kurtheater  
Baden, Le Volcan, scène  
nationale du Havre, Les Théâtres  
de la Ville de Luxembourg,  
L’Odyssée — Périgueux,  
maisondelaculture de Bourges  
/ scène nationale, Opéra Dijon,  
Theater- und Musikgesellschaft  
Zug, Théâtre de Carouge  
e Zürcher Theater Spektakel**

*PT* **Dança macabra** inscreve-se na continuidade do percurso artístico verdadeiramente singular — que reúne teatro, dança e novo-circo — percorrido nos últimos 20 anos pelo coreógrafo e encenador suíço Martin Zimmermann, que em 2023 apresentou *Um, dois três* no Festival. Em cena deparamo-nos com três personagens tragicómicas, profundamente frágeis, que deixaram de enquadrar-se na sociedade e que, nas suas tristezas, acabam por encontrar-se no mesmo sítio e na mesma altura. O dispositivo cénico desta peça evoca uma lixeira abandonada, onde se vai acumulando tudo o que já não pode ser utilizado nem eliminado. É nesse lugar inóspito que se instala este trio improvável de *Dança macabra*. Apesar das peripécias e das suas dificuldades de relacionamento, essas três personagens dispõem-se a resistir, alcançando um ponto de entendimento comum que lhes permitirá encontrarem saídas para situações inesperadas.

Existe ainda uma outra figura que paira acima desta singela e frágil comunidade: a Morte. Encarnada pelo próprio Zimmermann, é essa morte trocista quem puxa os cordelinhos e intervém no desenvolvimento das cenas — mas sem que os intérpretes se apercebam. Assim sendo, esses protagonistas nunca sabem se os acasos e os desafios que incessantemente os assaltam são causados pelo mundo exterior, ou se fazem parte da sua própria história e dos seus universos íntimos. Nessa *Dança macabra*, as personagens lutam pela sobrevivência, dispendo apenas de um único meio para sobreviver: o seu sentido de humor.

Através de *Dança macabra*, Martin Zimmermann explora um tema que lhe é caro: o das personagens humanas que, física, socialmente ou apenas pelo facto de existirem, se situam ‘à margem’ da sociedade, revelando assim o seu âmago. É em função desse âmago que se define o lugar exacto das margens, visto que a ideia de ‘marginal’ exprime comumente que algo deixou de ser considerado necessário, que já não faz verdadeiramente parte do todo, e que pode a qualquer momento desagregar-se do resto. Com a diluição das estruturas sociais, o ser humano, para responder às suas necessidades sociais, volta-se cada vez mais para as comunidades fundadas num pensamento comum, no seio das quais escolhe evoluir livremente. Um ideal é isso. Mas esse ideal implica sempre que o ser humano tenha liberdade de movimentos e de escolha. Se a sobrevivência existencial ocupa o primeiro plano, as comunidades não se formam por idealismo, apoiando-se, isso sim, em reflexões estratégicas e materiais.

\*

“O meu sentido de humor corresponde ao inverso risível daquilo que é trágico. Amplificar a tragédia até alcançar um sentido cómico permite-nos ultrapassá-la. Para mim, a tragicomédia contém em si mesma uma violência e um poder tais que a tornam feroz: é radical e cortante, animada por uma certa falta de sorte, mas também zombeteira, exacta e misteriosa. É no seio dessa complexidade que eu sustento o meu trabalho: é ela a minha fonte de inspiração.”

Martin Zimmermann